

A ESCOLA COMO ESPAÇO ESTRATÉGICO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: CONSTRUINDO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA - SÃO GABRIEL/RS

Anna Christine Ferreira Kist
Mirieli da Silva Fontoura
Ane Carine Meurer

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta como objetivo geral relatar as ações educacionais realizadas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), por meio do Grupo de Pesquisa em Educação e Território, este localizado no Departamento de Geociências do Centro de Ciências Naturais e Exatas, o qual oportunizou espaços-tempos de formação continuada para os educadores e educadoras da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jeronimo Machado, pertencente ao Município de São Gabriel/RS.

A Escola está localizada no município de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, no Distrito de Tiarajú, compreendido em uma latitude de 29°58'04'' S e longitude 54°20'15' O, insere-se na Microrregião da Campanha Central e na Mesorregião Sudoeste Rio-grandense, sendo considerado pertencente à região sudoeste gaúcho.

A Escola localiza-se no interior do município, e seu entorno é formado principalmente por extensas áreas de campo, no qual existem poucas residências, fato que caracteriza as áreas típicas da campanha gaúcha. Em relação ao entorno da instituição, pode-se notar o cultivo da silvicultura e pecuária. Percebe-se, ainda, a existência de pomares nas propriedades rurais e raras hortas de hortifrutigranjeiros. E, ainda, apresenta a produção de trigo e soja, em pequena escala. Desta forma entende-se, que as atividades voltadas à subsistência e ao pequeno comércio constitui também neste local a cultura, enfim os modos de pensar/sentir dos sujeitos envolvidos.

Sobre a singularidade do lugar em estudo, pode-se destacar que a E.M.E.F, dispõe de quatro salas de aulas aptas a atender a demanda educacional dos estudantes, e ainda possui uma sala destinada para o desenvolvimento das atividades do Programa Mais-educação, três banheiros, dois deles indicados para uso dos alunos (feminino e masculino) e um terceiro apenas para professores, direção e funcionários. Ainda sobre

os aspectos físicos, a instituição tem uma cozinha, como também um refeitório, secretária, sala dos professores, biblioteca e um amplo espaço externo.

Quanto aos aspectos pedagógicos, à unidade possui uma diretora, um supervisor do currículo (anos iniciais do ensino fundamental) e outro para área (anos finais do ensino fundamental), um secretário, dois monitores, um servente, um fiscal de disciplina, quatro professores que lecionam no currículo e sete docentes que ministram aulas nos anos finais do Ensino Fundamental. Para garantir a demanda educacional, a escola possui dois ônibus da prefeitura e dois terceirizados, que garantem o acesso de professores, alunos e funcionários a escola e funcionalidade da instituição.

As ações desenvolvidas pela Universidade Federal de Santa Maria na instituição citada iniciaram em 2010, em que professores e acadêmicos dos Curso de Pedagogia (Centro de Educação) e Geografia (Centro de Ciências Naturais e Exatas) que integram o Grupo de Pesquisa em Educação e Território (GPET) constituíram espaços de Formação Continuada aos educadores e educadoras que atuam na Educação Básica, em unidades de ensino localizadas na área rural.

Nesse período, os bolsistas do GPET realizaram pesquisas de campo na Unidade Territorial de São Gabriel, na composição de uma parceria junto com a Secretária Municipal de Educação, na eminência de consolidar espaços-tempos de formação continuada para os Educadores da Reforma Agrária. No entanto, inicialmente a equipe da UFSM não conseguiu estabelecer processos de falas/escuta com órgão responsável pela educação do município para elaborar espaços-tempos de formação continuada e troca de saberes em parceria com os educadores das escolas do campo, tendo em vista a perspectiva crítica do projeto.

Portanto, em 2011 e 2012, no decurso de novas incursões dialógicas, na superação de algumas diferenças, finalmente, firmou-se uma parceria com esta Secretaria Municipal de Educação, com o objetivo central de oportunizar palestras e oficinas de formação para o corpo docente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jerônimo Machado, haja vista que os temas estavam, nessa ocasião, correlacionados com Educação do Campo e Educação Ambiental, cujo propósito ancorava-se na (re)significação de conceitos teóricos direcionados à prática docente.

Nesta mesma compreensão, em 2015, a equipe da UFSM em parceria com o Curso de Extensão em Educação Ambiental: Escolas sustentáveis e COM-VIDA buscou refletir junto aos professores das escolas do campo de São Gabriel o estabelecimento de Políticas Ambientais, por meio da formação de um coletivo escolar voltado à criação de

espaços educadores sustentáveis nas escolas da Educação Básica, perpassando o espaço físico, da gestão e do currículo. O curso buscou desenvolver reflexões ligadas também ao eu, ao outro e ao mundo, relacionadas a questões voltadas a valores e princípios.

Para o desenvolvimento deste texto, fez-se necessário fazer uma releitura acerca das bases teóricas referentes à Educação Ambiental e Educação do Campo que orientam as reflexões presentes no decorrer do artigo, também foi organizada grupos de estudos, na tentativa de elaborar uma (re)compreensão das atividades enunciadas no relatório do “Primeiro e Segundo Curso de Formação Continuada para Educadores e Educadoras da Escola Jeronimo Machado – São Gabriel/RS”. Na qual, averiguou-se as intervenções voltadas ao meio ambiente, o desejo produzido pelos educadores (as) da escola citada, a partir da participação no Curso de Extensão em Educação Ambiental: Escolas Sustentáveis e COM-VIDA.

2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SEU COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

No contexto educacional brasileiro, insere-se a Educação no Campo, que vivenciou na última década avanços conceituais e/ou teóricos, uma vez que passou a ser reivindicada pelos movimentos sociais do campo, como também se inseriu em pauta de discussões das universidades e órgãos responsáveis pela elaboração de políticas públicas e, atualmente, busca efetivar uma proposta educacional que ultrapasse os muros escolares, na tentativa de firmar uma educação, que valorize o campo enquanto território e espaço de vida.

A Educação do Campo é um conceito cunhado com a preocupação de se delimitar um território teórico. Nosso pensamento é defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar onde vive, ou seja, da terra em que pisa, melhor ainda: desde a sua realidade. Quando pensamos o mundo a partir de um lugar onde não vivemos, idealizamos um mundo, vivemos um não lugar. Isso acontece com a população do campo quando pensa o mundo e, evidentemente, o seu próprio lugar a partir da cidade. Esse modo de pensar idealizado leva ao estranhamento de si mesmo, o que dificulta muito a construção da identidade, condição fundamental da formação cultural. (FERNANDES, p. 67, 2002).

Assim, para refletir sobre esta modalidade de ensino, na tentativa de consolidar uma proposta pedagógica às escolas situadas na área rural, os sujeitos envolvidos no processo de fazer educação podem oportunizar aos seus educandos um espaço de aprendizagem, cujas experiências comuns e as histórias de vida da comunidade escolar fomentem a problematização dos conteúdos que integram o quadro programático das

disciplinas do currículo escolar da Educação Básica, pois valorizar os aspectos culturais e produtivos presentes no cotidiano do coletivo escolar é uma atitude necessária à concretização de um projeto de educação que valorize o sujeito da terra.

Sabe-se que para um educador atuar em sala de aula, faz-se necessário experienciar, além da formação inicial, também uma formação continuada, pois para se fazer Educação no/do campo, os profissionais de ensino devem buscar de forma contínua o conhecimento, seja em relação aos traços sócio-históricos da comunidade ou inerentes aos conteúdos do seu componente curricular, para consolidar um processo didático criativo que sustente o seu fazer pedagógico em consonância às demandas do homem do campo.

A escola do campo não é um tipo diferente de escola, mas, sim, é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito (CALDART, 2000, p. 66)

Nesta perspectiva, Antunes sinaliza que (2012, p.4), os conhecimentos pertinentes ao cotidiano escolar do educador “modificam-se constantemente”, isto porque as exigências do mundo contemporâneo requerem uma atualização permanente, seja ela em virtude dos avanços tecnológicos, seja pelas características da comunidade escolar em que se desenvolve a docência, pois os padrões de valores, crenças e princípios mudam de acordo com as especificidades do lugar em que a unidade escolar está inserida, assim é indispensável que o planejamento pedagógico perpassasse uma única formulação, para atender as múltiplas necessidades que ocorrem em uma sala de aula.

Deste modo, para os sujeitos que fazem educação no/do campo é indispensável constituir espaços-tempos para problematizar a educação ambiental, visto que o homem não está separado da natureza, ele faz parte dela, ele é um dos seres do universo e não o centro, ele está ligado à teia de relações que compõem os elementos da vida na Terra. Então, necessita-se de uma nova visão de mundo, uma nova maneira de ver a vida, resgatando valores éticos, culturais que resgatem a ligação do homem com a natureza (BOFF, 2004).

A Educação ambiental numa perspectiva crítica busca o resgate da visão sistêmica, sendo uma ferramenta de transformação social e ambiental. Por conseguinte, tanto a Educação Ambiental quanto a Educação do campo nascem das lutas dos movimentos sociais. Desta maneira, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)

e o Movimento Ecologista apresentam como base a educação libertadora e emancipatória, pautadas na dialogicidade e na luta contra opressão.

Em todos os países, por todos os continentes, um dos principais objetivos das instituições públicas de educação é possibilitar certa mobilidade social. O objetivo reivindicado é que todos tenham acesso à formação, qualquer que seja a sua origem social. Em que medida as instituições existentes realmente alcançam tais objetivos? (THOMAS, P. 471, 2014).

Como movimento de caráter social articulado e comprometido com a educação, o MST luta pela construção de uma escola que seja adequada a realidade da vida rural, é um tensionamento para fazer valer a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Portanto, em seu artigo 28, a LDB prevê a "oferta de educação básica para a população rural" com "adaptações necessárias", como a elaboração de conteúdos curriculares e metodologias apropriadas as reais necessidades dos alunos da zona rural de cada região".

A educação ambiental na perspectiva crítica e a educação do campo se aproximam buscando o desenvolvimento de uma educação interligada aos problemas e necessidades locais, abrangendo questões ligadas à cultura, aos saberes e crenças, partindo de análises da realidade da comunidade escolar.

Tanto a educação Ambiental como a educação do campo tem muito a contribuir com as novas formas de pensar o processo ensino aprendizagem, necessários aos dias de hoje onde os problemas ambientais podem ser abordados de forma ampla, contemplando as diversas formas atuantes. Em ambas, o educador deve estar sintonizado com a realidade das comunidades rurais, com as concepções do homem do campo, com o modo que ele pensa, ou seja, utilizar seu saber social, que é resultado do seu cotidiano, nas práticas pedagógicas. Dessa forma, possibilitando a formação de sujeitos críticos, capazes de entender a realidade em que vivem (MATOS, S. A.L. WIZNIEWSKY C.R.F.; p.76.2010).

A educação ambiental crítica deve ter um caráter crítico, político, proporcionando aos sujeitos condições necessárias para o exercício da cidadania, com consciência da sua responsabilidade e participação efetiva nas questões coletivas, sempre buscando a reflexão ao conceito de sustentabilidade.

Sustentável é a sociedade ou o planeta que produz o suficiente pra si e para os seres dos ecossistemas, onde ela se situa; que toma da natureza o que somente ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional, ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão. (BOFF, p. 137,2004).

Conforme as ideias defendidas por Boff, 2004, a sustentabilidade na prática deve ser capaz de apresentar novos hábitos, uma nova ética, a do cuidado, respeitando os limites ecológicos impostos pela própria natureza. A ética e o do modo-de-ser-cuidado

deverá ser dos milhões de pobres, excluídos e oprimidos que fazem parte desta nossa sociedade. “Descobrir a sua verdadeira natureza é a questão de maior importância para o ser humano. Um indivíduo que não está consciente da sua própria natureza não possui autonomia” (TANIGUCHI, p. 7, 1997).

Dentro desta perspectiva, a libertação dos sujeitos situados às margens da sociedade, ocorrerá a partir da constatação da sua realidade, comprometendo-se, desta forma, a buscar uma nova sociedade através da organização coletiva, pautada na ética, em novos valores, novos olhares e no cuidado. É necessário transformar as relações sociais, superando a exploração dos seres humanos e da terra. Sendo este um dos grandes problemas enfrentados, a exploração da terra, a luta desigual e injusta pela posse da terra. Diante deste título de propriedade, a sociedade capitalista desrespeita inúmeras regras, porém se sabe que é necessário observar os limites da natureza. Apesar da propriedade, temos deveres com a sociedade do presente e com as futuras gerações (BOFF, 2004).

Qual a necessidade das nações? Qual a necessidade de passaportes, vistos e fronteiras? Toda esta terra nos pertence: onde quer que o alguém queira estar, tem o direito de estar. O sol não é propriedade de ninguém, a terra não é propriedade de ninguém, a lua não é propriedade de ninguém; o vento, as nuvens, a chuva - nada é propriedade de ninguém. Como as pessoas traçam estas linhas? (OSHO, p. 13. 2014).

Na busca dessa ética do cuidado, defendemos a importância do educador ambiental crítico no cotidiano escolar no intuito de problematizar tais sentidos e buscar a superação dessas visões ideologizantes, já sabido o intercâmbio destas com as práticas. As comunidades escolares, sobretudo, no que tange à escola pública em sua proximidade com os problemas socioambientais, são propensas a esse debate ao abrirem-se à formação de educadores – a qual seja transformadora – como um movimento educativo gerador de intenções fundamentadas e práticas diferenciadas; em suma, como uma práxis educativa de intervenção pedagógica sobre a realidade. (DOMINGUEZ, ANA apud RODRIGUES e PLÁCIDO, 2011: 353).

3 OS IMPACTOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA DO CAMPO

Ao pensar no contexto educacional das escolas localizadas na área rural, faz-se necessário oportunizar espaços-tempos de formação continuada para seus docentes, visto que a educação ambiental e a educação do campo podem ser compreendidas a partir da sua relação histórica, cujos sentidos são produtores de cultura, que por sua vez

encontram-se presentificados no lugar onde os professores e a comunidade escolar constituem suas experiências. Assim, ao se estabelecer os primeiros diálogos com os profissionais da educação, verificou-se que eles se encontram vinculados a uma educação rural, na qual o Projeto Político Pedagógico não trabalha a singularidade pertinente à história dos povos do campo, ou seja, os saberes fecundos de significação com a terra de onde retiram o sustento. Desta forma, as relações do homem com o espaço habitado, não integra os componentes curriculares e, ainda, não considera os saberes, as crença e a espiritualidade dos camponeses.

Destaca-se que o Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. São princípios da Educação do Campo.

II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;

IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; (BRASIL, 2010).

Desta forma, essa reflexão tem a perspectiva de atualizar o compromisso dos educadores junto às demandas do coletivo escolar interno (país, estudantes, funcionários, professores) e externo à escola (agricultores, comerciantes, religiosos, políticos), que precisam saber dos acordos que a comunidade faz, referente ao processo de reconstrução do seu projeto político-pedagógico. Desta forma, a complexidade do espaço-tempo “campo” foi trazida pelos educadores, cujas falas se ancoram na seguinte expressão: “nos preparamos os alunos para deixar o campo”.

Portanto, durante os anos de 2011 e 2012, os docentes problematizaram junto aos professores da UFSM a importância de se constituir um Projeto político-pedagógico que interligue os saberes dos sujeitos da terra, para transbordar de sentidos suas ações pedagógicas. E, igualmente tratar as especificidades das relações que os estudantes

possuem com o lugar que vivem, trabalham, constituem seus sonhos e nutrem suas almas ao observarem o “verdor” das lavouras e do pôr do sol da campanha gaúcha.

Ao longo da formação continuada os docentes foram sensibilizados para olhar os seus alunos como sujeitos sociais, pois além de constituírem uma parcela significativa da força de trabalho que garante a sustentabilidade alimentar da população brasileira, necessitam de uma educação que ressignifique o espaço/tempo da existência no campo e no interior da escola. Atitude, que demanda outros olhares sobre a cultura, a espiritualidade e os costumes do homem da terra, em uma atitude preventiva ao êxodo rural, já que a vida urbana é uma fonte mágica de sedução. Isto, em virtude das redes de ações das forças produtivas, as quais se refazem diariamente pelas novas tecnologias e padrões de consumo/moda.

“O espaço pedagógico é um espaço político em luta, luta entre várias tendências, que vão de um extremo a outro. Educar-se para o Educador pode significar, por isso, lutar contra a educação, a educação dominante; lutar contra a inculcação ideológica e legitimação do status quo que representam os sistemas educacionais”. (GADOTTI, 1995, p. 77).

Neste sentido, para efetivar uma educação que esteja em consonância com os anseios inerentes ao espaço rural, os educadores da escola envolvida, buscaram (re)pensar a prática pedagógica, na tentativa de impregnar a cultura e espiritualidade da comunidade no contexto escolar, para tanto fez necessário realizar estudos sobre o meio, desvendando a complexidade do mesmo. Para Kist (2010, p. 37) “A escola deve assumir o seu papel de espaço cultural de transformação social. Para isso é necessário, que o professor comprometa-se a trabalhar com mais do que informações e conceitos”.

Destaca-se que os professores da Escola passaram a observar os traços históricos substancialmente importantes no que concerne a comunidade local pertencente às adjacências da unidade escolar, de tal modo que nos espaços dialógicos emergiu a questão dos carreteiros de São Gabriel, uma vez que, uma das localidades atendidas pela Jerônimo é caracterizada por nacionalmente como o último núcleo de carreteiros existente no Rio Grande do Sul. Ao (re)significar essas marcas históricas que permeiam o imaginário do coletivo escolar, a instituição organizou a Primeira carreteada pedagógica em 2012, e em 2015 eles conseguiram inserir no calendário municipal, o dia 22 de junho como data oficial dos carreteiros em homenagem ao nascimento do Sr. Langendorf – um dos mais antigos carreteiros do reduto.

Além dessa grande conquista da Escola, no presente ano, três professores alfabetizadores participaram do Curso de Extensão em Educação Ambiental e COM-VIDA, na tentativa de interligar a cultura sócio-histórica da comunidade com hábitos sustentáveis. Assim, os docentes constituíram um projeto cujo tema é: “Materiais recicláveis em uma proposta pedagógica”, com o objetivo de oportunizar aos alunos o reconhecimento de que a reutilização e a reciclagem de utensílios são indispensáveis, no processo de constituição de uma consciência ecológica autônoma e, principalmente, na responsabilidade ambiental. Discutiu-se também a perspectiva do uso consciente de produtos que geram resíduos, sendo essa uma forma de valorizar os produtos que eles produzem e que não precisam necessariamente de embalagens, ou seja, geram muito poucos resíduos em relação aos produtos industrializados.

Justifica-se a escolha deste tema pelos professores devido à ausência de coleta de resíduos orgânicos e inorgânicos pela Prefeitura Municipal, como também pela presença significativa do resíduo seco no entorno da escola. Desta forma, os profissionais de ensino acreditam na importância de constituir espaços de reflexão junto aos alunos para oportunizar debates em relação à produção e descarte do resíduo seco na área rural.

Neste contexto, ao longo do primeiro semestre de 2015, as professoras trabalharam para a implantação dessa proposta pedagógica, ao problematizar, inicialmente, o descuido com o meio ambiente, para isso foi utilizado como ferramenta lúdica a dramatização da história: “Chapeuzinho Vermelho”, realizada pelo quarto ano do ensino fundamental. Neste momento, os estudantes apresentaram sua peça teatral para os educandos do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, com a finalidade de alertar os discentes sobre a necessidade de cuidar das florestas e campos. Igualmente neste dia, os estudantes também destacaram que nas adjacências da escola não existi indícios de desmatamento ou queimadas, no entanto, há diversos pontos de descarte de resíduos.

Logo após, as educadoras sinalizaram para as crianças que muitos materiais que são descartados nestes pontos de resíduos podem ser reutilizados na construção de brinquedos, jogos pedagógicos, enfeites e artesanatos em geral. Nessa ocasião, firmou-se um compromisso entre a comunidade escolar, para coleta e limpeza dos resíduos secos, assim como a manutenção dos espaços limpos. Posteriormente, as turmas começaram a higienizar o entorno da instituição, como também iniciaram a coleta, junto

à seleção de materiais que podiam ser transformados em brinquedos para adornar as tardes na escola por meio da diversão e brincadeira.

Desenvolveu-se na Escola as “Carretas pedagógicas”, com madeira, tampas de vidro de conservas e papelão, essa atividade teve como propósito incentivar à leitura e valorizar a historicidade do local, em cada aula um estudante da turma recebia a carreta para levar para casa, e dentro dela havia livros de literatura infantil para eles realizarem a leitura junto à família, e no dia seguinte, foi oportunizado ao educando um espaço de fala, para que ele compartilhasse com os colegas a magia que continha dentro do livro.

A Escola é um espaço estratégico de transformação social, que permite desenvolver o resgate de valores e conhecimentos vivenciados na comunidade e que fazem parte da cultura local, semeando relações entre a escola e homem do campo.

Para Caldart (2009, p.38),

A Educação do campo se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores ao conhecimento produzido na sociedade e ao mesmo tempo problematiza, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e à hierarquização epistemológica própria desta sociedade que deslegitima os protagonistas originários da Educação do campo como produtores de conhecimento e que resiste a construir referências próprias para a solução de problemas de uma outra lógica de produção e de trabalho que não seja a do trabalho produtivo para o capital.

Desta forma, destaca-se a importância de se problematizar com a comunidade escolar os elementos históricos da cultura da população local. Pois, de acordo com Bustos Jiménez (2011), o educador que leciona em escolas inseridas no espaço rural, ao interpretar e compreender a cultura e o processo educativo da comunidade escolar poderá constituir no fazer pedagógico, interações dialógicas junto à comunidade escolar na tentativa de (re)significar os saberes do homem do campo, bem como a cultura e as crenças presentes no entorno da instituição. Tal fato oportunizará a inserção dos pais e familiares dos estudantes no ambiente escolar e, assim, efetivar-se-á uma melhora significativa no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes do campo.

Sobre o assunto, o autor sinaliza que a educação do campo perpassa os muros da escola e somente se efetiva com a participação plena dos membros que compõem a comunidade, pois no momento em que o coletivo escolar adotar uma postura ativa mediante a formação educacional de seus filhos no processo educativo, os conhecimentos e as lutas cotidianas do homem da terra serão valorizados. Ainda, segundo o estudioso essa atitude: “no solo se trata de una oportunidade para las familias

de configurar su condición de ciudadano, sino aportaciones encajan con la determinación democrática de asumir la escuela como una verdadera comunidad” (BUSTOS JIMÉNEZ, 2011, p.1007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao trabalho desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jerônimo Machado, compreendeu-se que a educação pode ser utilizada como um instrumento de opressão ou de libertação. Torna-se necessário o desenvolvimento de cursos de formação continuada e o questionamento de qual educação queremos e quais os caminhos que a Educação do Campo e Educação Ambiental Crítica está trilhando no processo de ensino e aprendizagem e suas (re)significações para os sujeitos da terra .

Faz-se necessário sinalizar que a Educação Ambiental Crítica e a Educação do Campo devem dialogar entre si e capacitar o educador e o educando a intervir na transformação da sociedade. Neste contexto são importantes instrumentos de uma educação libertadora e emancipatória, proporcionando aos indivíduos a capacidade de reflexão crítica e transformação.

A Educação do Campo, assim como a Educação Ambiental Crítica constituem-se como uma ferramenta na busca por uma sociedade com justiça social e ambiental, mais igualitária, ética, dialógica e participativa. Portanto, refletir sobre essas temáticas é pensar o campo como um espaço de vida, nas quais inúmeros sujeitos lutam para prover a sua existência junto à família, de forma digna, saudável e valorizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Helenise Sangoi; ÁVILA, Cinthia Cardona de; FARIAS, Graziela Franceschet; MARCHI, Thaís Virgínea Borges. **Entre vivências e experiências na Formação. Continuada de Professores: as impressões do Programa Pró-Letramento no Rio Grande do Sul**. 2012. Disponível em: . Acesso em: 29 de junho de 2014.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar. Ética do Humano – compaixão pela terra**. Ed. Vozes; 2004.
- _____. **Virtudes Para um Outro Mundo Possível**. Vol III. Comer & Beber Juntos & Viver em Paz. 2006.
- BRASIL, Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. **Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA**. Brasília: 2010. Disponível em: Acesso em: 10,06. Jun 2017.
- BUSTOS JIMÉNEZ, Antonio. **Escuelas rurales y educación democrática. La oportunidad de la participación comunitária**. Disponível em: . Acesso em: 3 de julho de 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Educação do Campo: notas para análise de um percurso**. Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.

DOMÍNGUEZ, A. “Desafíos actuales de la Educación Ambiental” En: Tarouco de Azevedo et al. (Orgs.) **Encontro e diálogos com a Educação Ambiental**. Semeando ideias, colhendo diálogos. FURG, Ríó Grande. 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Diretrizes de uma caminhada**. Educação do Campo: identidade e políticas públicas, v. 4, p. 89-101, 2002

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1995

KIST, A.C. **Concepções e Práticas de Educação Ambiental: uma análise a partir das matrizes teóricas e epistemológicas presentes em Escolas Estaduais de Ensino Fundamental de Santa Maria-RS**. Dissertação de Mestrado em Geografia-UFSM. 2010

MATOS, S. A.L.; WIZNIEWSKY C.R.F.; (org.) **Experiências e Diálogos em Educação do Campo**. Fortaleza, UFC, 2010.

OSHO, **A Jornada do Ser Humano**. Trad. Magda Lopes, 1 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

STONE, M. K, e BARLOW Z. et al. **Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**, São Paulo: Cultrix, 2006.

TANIGUCHI, Masaharu. **Descoberta e Concientização da Verdadeira Natureza Humana**. Ed, Seicho-No-ie do Brasil, São Paulo. 1997.

THOMAS, Piketty. **O Capital no Sec. XXI**; Trad. Monica B. de Bolle. I. ed. Rio de Janeiro. Ed. Intinseca, 2014.